

Direitos políticos, igualdade de gênero e democracia: uma resenha sobre o filme “As Sufragistas”

*Marta Batalini*¹

*Luiz Cesar Machado de Macedo*²

283

AS SUFRAGISTAS (SUFFRAGETTE). Direção: Sarah Gavron. Roteiro: Abi Morgan. Elenco: Helena Bonham Carter, Carey Mulligan, Meryl Streep, Bem Whishaw. Gênero: drama histórico. Produção: FRA/GB, 2015, 106 min.

O filme é dirigido por Sarah Gavron, nascida em 20/04/1970 e atualmente com 48 anos. Sarah é uma consagrada diretora de cinema britânica que já dirigiu quatro curtas-metragens e três longas. Esposa e mãe de dois filhos, segundo suas próprias palavras, “entrou no cinema para fazer a diferença”. Inspirada pelo fato de haver poucas cineastas no Reino Unido, assumiu a responsabilidade de contar a história da luta das mulheres, em uma decidida perspectiva feminista.

É importante destacar que ela se formou pela NFST (*National Film and Television School*), que é uma das principais escolas de cinema do Reino Unido, fundada em 1971 e localizada nos arredores de Londres, em Beaconsfield. Sarah Gavron iniciou sua carreira em documentários e em 2003, dirigiu seu primeiro drama, o filme vencedor do Dennis Potter Award “This Little Life”, para a BBC TV, e além disso, ganhou dois BAFTAs (“British Academy of Film and Television Arts - Academia Britânica de Artes do Cinema e Televisão”) que é responsável pela premiação anual referente à excelência de trabalhos realizados em cinema, televisão, filmes e em outros meios audiovisuais, esse prêmio também é conhecido como o Oscar Britânico.

Gavron fez muitos curtas-metragens que foram exibidos internacionalmente e ganharam prêmios importantes. Seus filmes incluem “The Girl in the Lay-by” (2000), indicado para o BAFTA, e “Losing Touch” (2000), que ganhou o prêmio do Júri Jovem no Festival de Cinema de Clermont Ferrand, Melhor Filme no London Royal Television Society Awards e Melhor Curta Estrangeiro no Foyle Film Festival.

A roteirista do filme é Abi Morgan, nascida em 1968 em Cardiff, País de Gales, é uma dramaturga premiada conhecida por seus trabalhos para a televisão como *Sex Traffic*, *The Hour* e os filmes *A dama de Ferro (The Iron Lady)*, estrelado por Meryl Streep como Margaret Thatcher e *Vergonha e Suffragette*. Seu primeiro reconhecimento profissional veio em 1998 com *Skinned* no Nuffield Theatre, em Southampton. Ela também escreveu várias peças para teatros importantes, a saber, o Royak Exchange Studio Theatre, Manchester; o Royal Yceum Theatre e o Traverse Theatre, Edimburgo, o

¹ Bacharel em Filosofia. Mestre em Filosofia pela PUC-SP. Professora do Centro Universitário do Triângulo – UNITRI. Especialista em Filosofia Clínica. E-mail: martabatalini@hotmail.com.

² Bacharel em Direito e Filosofia. Mestre em Filosofia do Direito pela PUC-SP. Professor efetivo no curso de Direito da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. E-mail: luizcmmacedo2013@gmail.com.

National Theatre of Scotland e o Royal Court , em Londres. Sua peça teatral *Tender for the Hampstead* de 2001 lhe rendeu uma indicação como “dramaturgo mais promissor” no Laurence Olivier Theatre Awards de 2002.

O filme “As Sufragistas” foi lançado em cadeia nacional no Reino Unido em 30 de outubro de 2015 e no Brasil no dia 24 de dezembro de 2015. Os acontecimentos retratados se passam na Inglaterra no início do século XX, uma Inglaterra fabril e com um parlamento que considerava a mulher incapaz de fazer julgamentos políticos. O roteiro tem como objetivo levar o público a reconstruir os mesmos passos de principal protagonista, a saber, o despertar político rumo à liberdade alcançada pelos direitos. A partir da personagem fictícia Maud Watts (interpretada por Carey Mulligan), uma lavadeira industrial que repete o destino de sua mãe no “chão de fábrica”, passando pelo trabalho infantil e pelo ambiente de assédio moral e sexual, a diretora e roteirista procuram caracterizar a situação da classe trabalhadora na Inglaterra daqueles tempos, em especial, das trabalhadoras que assumem a militância política e da mesma forma que Maud, tem seus papéis de esposa e mãe completamente alteradas quando se envolvem na luta pelo direito ao voto das mulheres na Inglaterra. Ao lado das amigas, a saber, a colega de trabalho Violet (Anne-Marie Duff) e da militante e farmacêutica Edith Ellyn (Helena Bonham Carter), assumem juntamente com outras mulheres de várias classes sociais estratégia de luta ativa, bem como atos de resistência pessoal e coletiva como a prática de greve de fome contra as condições do aprisionamento a que eram submetidas as militantes aprisionadas.

O filme se baseia em eventos reais ocorridos em 1912, e no papel histórico desempenhado pela *União Política e Social das Mulheres (Women’s Social and Political Union – WSPU)*, organização fundada em 1903 e dirigida por *Emmeline Pankhurst (1858-1928)*, que é interpretada no filme por Meryl Streep, em fundamentais aparições. Cabe destacar que Emmeline Pankhurst foi uma das fundadoras do movimento britânico do sufrágio, seu nome, mais do que qualquer outro, está associado com a luta pelo direito de voto para mulheres de classe média alta e que se amplia posteriormente para as mulheres de todas as classes sociais. Foi casada com o advogado Richard Marsden Pankhurst, autor da legislação de 1870 e 1882 Married Women's Property Acts (Lei da propriedade da mulher casada) e um apoiador do movimento das sufragistas. Em 1889, Emmeline Pankhurst fundou a Liga do Franchise das mulheres. Mesmo após a morte de marido, em 1898, a campanha não seria interrompida e foi fortalecida em 1903 com a organização do movimento militante, já citado anteriormente, a União Política e Social das Mulheres (Women’s Social and Political Union – WSPU), da qual suas duas filhas, Chistabel e Sylvia eram também integrantes.

O movimento WSPU é considerado um movimento militante e teve como membros, além de Emily Davison e a compositora Dame Ethel Smyth, a famosa Annie Kenney, que virou mártir do sufrágio por atrair a atenção da imprensa e do público quando foi presa em 1905, junto com Christabel Pankhurst, filha de Emmeline, durante vários dias sob acusações de agressão e obstrução por terem provocado Sir Edward Grey, político e diplomata inglês, num comício do Partido Liberal em Manchester. Este incidente foi considerado como o primeiro de uma nova fase da luta pelo sufrágio feminino no Reino Unido e marcado por táticas militantes. O filme dá destaque exatamente a essa nova fase do movimento das sufragistas, na qual passam a adotar formas mais violentas de protestos, como por exemplo, se acorrentarem em grades, quebrar vidraças de lojas daqueles que não apoiavam a causa, colocarem fogo em caixas de correio e até mesmo a detonar bombas. Outro fato em destaque no filme e que corresponde aos eventos da época

foi a morte da sufragista Emily Wilding Davison em 4 de junho de 1913 que invadiu a pista do Hipódromo de Epsom durante o tradicional e aguardado *Derby Day*, com o objetivo de colocar um broche do movimento sufragista no cavalo do rei George V, exatamente no momento em que todos os olhos do público estavam voltados para a curva final e os jóqueis disputavam as melhores posições próximos a linha de chegada. Esse evento teve como resultado a primeira grande passeata pelo voto feminino da história, reunindo seis mil mulheres inglesas favoráveis à causa que saíram às ruas durante os funerais de Emily. Um dado curioso é que na passeata, as mais jovens, estavam vestidas de branco e as mais velhas vestidas de preto.

Dessa forma, através de uma mistura personagens fictícios e reais, o filme retrata, de maneira didática, os eventos que culminaram no movimento das sufragistas. Abandonando a passividade social imposta as mulheres de sua época e irmanada com suas companheiras de militância, enfrenta o mundo masculino representado pela polícia, políticos, judiciário e a imprensa. Em termos de resgate histórico, apesar do enorme sofrimento pessoal das militantes pelo direito do voto feminino, as denominadas *suffragettes* (cabe lembrar que esse termo foi usado em 1906 pelo jornal Daily Mail, como uma maneira depreciativa de descrever as mulheres mais militantes), bem como a violenta resistência contra a reivindicação feminina, o fato é que quatro anos após os acontecimentos narrados no filme, houve por bem o parlamento inglês aprovar o voto de mulheres a partir de 30 anos, em 1918, sendo que, dez anos mais tarde, foi adotado na Inglaterra o sufrágio universal para maiores de 25 anos. E o termo *suffragettes* ganha novo sentido na história, o de um movimento de mulheres que inspiram respeito e modelo de luta e reivindicação de direitos.

Com um roteiro ilustrado de referências históricas, uma direção sensível à temática e competente na condução da trama, somada a grandes interpretações das atrizes e dos atores envolvidos, o filme tem um ritmo ágil e soa crível sem cair no didatismo ou discurso panfletário. São destaques pessoais a interpretação da lavadeira industrial Maud Watts, bem como o papel da líder carismática do movimento sufragista Emmeline Pankhurst. No entanto, cabe um elogio especial ao papel interpretado pelo inspetor de polícia (Brendan Gleeson), que se destaca como exímio e minucioso agente da repressão estatal ao movimento, ainda que ao final do filme fique a saudável dúvida se o mesmo ainda continua com suas convicções repressivas. Pelo exposto, constitui-se o filme como um exemplo marcante de que lutas pela cidadania, inicialmente localizadas em setores tido como minoritários ou excluídos, acabam por beneficiar a toda uma coletividade, como no caso em questão, onde o movimento das sufragistas terminou por antecipar o direito universal de voto a todas(os) os ingleses.

Para saber mais sobre os argumentos da luta por direitos das mulheres, em especial a partir do ideário das revoluções burguesas inglesa e francesa, que proclamavam os direitos dos cidadãos, mas paradoxalmente os negavam às mulheres, fica a sugestão da leitura de um clássico dos escritos feministas recentemente traduzido no Brasil, a obra *Reivindicação dos Direitos da Mulher*, de Mary Wollstonecraft (1759-1797), publicado pela Boitempo Editorial em 2016. Publicado originalmente em fins do século XVIII (1792), apresenta-se como uma vigorosa reivindicação da igualdade de direitos entre homens e mulheres, e surge logo após a aprovação da primeira Constituição Francesa de 1791, que não reconhecia às mulheres a condição de cidadãs.

Por essa razão, constitui-se a obra em verdadeiro documento fundador do feminismo e inspirador dos movimentos sufragistas dos séculos XIX e XX pelo mundo. Ainda sobre uma visão geral sobre a situação das(os) trabalhadoras(es) no final do século

XIX, mas não muito diferente do retratado no filme, insuperável é a obra clássica do empresário e militante comunista Friedrich Engels, denominada *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, reeditada recentemente no Brasil em tradução direta do original alemão e com amplos anexos e cronologia. Publicado originalmente em 1845, seus dados estatísticos teriam sido extraídos de relatórios dos fiscais sanitários do próprio governo inglês. Outro destaque é o fato de ter sido publicado três anos antes do famoso Manifesto Comunista, que selaria uma definitiva parceria pessoal e ideológica com Karl Marx.

Por outro aspecto, o filme retrata a luta pela igualdade de direitos entre mulheres e homens, independentemente de papéis sociais, o que pode ser conceituado hoje como a discussão da questão de gênero. Nesse sentido, da extensa bibliografia que poderia ser citada, é de grande utilidade, a abordagem sobre a luta pelo próprio sufrágio universal e dos papéis feminino e masculino no exercício do voto, conforme relatado na obra organizada por Letícia Bicalho Canêdo, *O sufrágio universal e a invenção democrática*; o resgate histórico das lutas pela igualdade entre homens e mulheres, respectivamente nas obras de Peters N. Steans, *História das relações de gênero* e Michelle Perrot em *Minha história das mulheres*, bem como a leitura da grande teórica das relações de gênero da atualidade, Judith Butler, no indispensável livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Aliás, a pensadora americana esteve recentemente no Brasil para presidir um ciclo de palestras em São Paulo e foi hostilizada por grupos homofóbicos e misóginos que sob a alegação de “liberdade de expressão”, na verdade configuraram por atos e palavras mais um lamentável episódio de preconceito e discriminação no universo dos discursos de ódio que envenenam a vida política nessa segunda década do século XXI. Por essa e outras, permanece atual o chamamento e o exemplo das sufragistas.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CANÊDO, Letícia Bicalho (org.) **O sufrágio universal e a invenção democrática**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010.

PERROT, Michelle. **Minha história com as mulheres**. 2. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2015.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. 2. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2013.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. São Paulo: Boitempo, 2016.



Annie Kenney



Emmeline Pankhurst



Exemplos de broches e joias com as cores da luta pelo sufrágio



Reportagem que anuncia a morte de Emily durante o Derby de Epsom em 4 de junho de 1913



Imagens do movimento das sufragistas em 1912